

**ANÁLISE DOS DISCURSOS DIRETOS E INDIRETOS NO CONTO “MARIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO SOB À LUZ DAS GRAMÁTICAS FUNCIONAIS**

**ANALYSIS OF DIRECT AND INDIRECT SPEECH IN THE SHORT STORY “MARIA” BY CONCEIÇÃO EVARISTO IN THE LIGHT OF FUNCTIONAL GRAMMAR**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.012-030>

**Andreluza de Fátima da Silva Pombo**  
E-mail: andreluza42@gmail.com

**Aurora de Castro Pantoja**  
E-mail: auroradecastropantoja@gmail.com

**Mariane de Fátima Rodrigues Coelho**  
E-mail: marirodriguea@outlook.com

**Cindy Izabelle Hage Pantoja**  
E-mail: cursoderedacaoprofcindyhage@gmail.com

**Elizete Ferreira Moraes Barbosa**  
E-mail: prof.elizetemoraes@gmail.com

**Nayara Karine Silva de Souza**  
E-mail: professoranayarakarine@gmail.com

**Thacila Mikaelen Mendes da Cunha**  
E-mail: thacilamendes96@gmail.com

**RESUMO**

Este artigo analisa os discursos direto, indireto e indireto livre no conto Maria, de Conceição Evaristo, a partir da perspectiva da gramática funcional. Utilizando os pressupostos teóricos de Moura Neves, Halliday e Travaglia, a pesquisa tem como objetivo compreender como a autora utiliza diferentes formas de discurso para expressar subjetividade, opressão e resistência. A metodologia adotada é qualitativa, de base interpretativista, com análise textual aplicada a trechos do conto selecionados conforme critérios discursivos e funcionais. Os resultados indicam que os tipos de discurso empregados no texto cumprem funções comunicativas distintas: o discurso direto aproxima o leitor da experiência vivida pela personagem; o indireto evidencia a mediação e o julgamento social; e o indireto livre revela o fluxo interno da consciência da protagonista. Conclui-se que a gramática funcional fornece instrumentos valiosos para entender o papel da linguagem na construção literária de vozes marginalizadas e que essa abordagem pode contribuir significativamente para o campo da análise do discurso e da literatura contemporânea.

**Palavras-chave:** Discurso direto; Discurso indireto; Discurso indireto livre; Gramática funcional; Conceição Evaristo; Análise do discurso.



## ABSTRACT

This article analyzes direct, indirect, and free indirect speech in the short story *Maria*, by Conceição Evaristo, from the perspective of functional grammar. Using the theoretical assumptions of Moura Neves, Halliday, and Travaglia, the research aims to understand how the author uses different forms of speech to express subjectivity, oppression, and resistance. The methodology adopted is qualitative, interpretive-based, with textual analysis applied to excerpts from the short story selected according to discursive and functional criteria. The results indicate that the types of discourse employed in the text fulfill distinct communicative functions: direct discourse brings the reader closer to the character's lived experience; indirect discourse highlights mediation and social judgment; and free indirect discourse reveals the internal flow of the protagonist's consciousness. It is concluded that functional grammar provides valuable tools for understanding the role of language in the literary construction of marginalized voices and that this approach can contribute significantly to the field of discourse analysis and contemporary literature.

**Keywords:** Direct speech; Indirect speech; Free indirect speech; Functional grammar; Conceição Evaristo; Discourse analysis.



## 1 INTRODUÇÃO

A linguagem configura-se como um instrumento essencial para a construção de sentidos, identidades e relações sociais. Nesse contexto, as formas de apresentação do discurso — direta e indiretamente — desempenham papel fundamental na organização textual e na construção narrativa, revelando estratégias discursivas, relações de poder e subjetividades. Sob a perspectiva da Linguística Funcional, em especial das gramáticas funcionais, os discursos direto e indireto são compreendidos não apenas como estruturas sintáticas, mas como manifestações pragmáticas de escolhas linguísticas em contextos específicos de uso.

Diversos estudos têm abordado a presença e a função do discurso relatado em gêneros literários variados, apontando seus efeitos estilísticos e comunicativos (Neves, 2000; Koch, 2004; Travaglia, 2011). Todavia, observa-se que a maior parte dessas investigações privilegia obras do cânone literário brasileiro e enfoques predominantemente descritivos ou normativos, muitas vezes desvinculados das perspectivas funcionalistas. Além disso, ainda são escassos os trabalhos que promovem uma análise sistemática do discurso relatado com base nas gramáticas funcionais, em particular no que diz respeito a narrativas curtas da literatura brasileira do século XX.

Dessa forma, identifica-se uma lacuna teórica e metodológica nos estudos linguístico-literários: a insuficiência de análises que articulem teoria funcionalista e literatura brasileira de forma integrada. Nesse sentido, o presente trabalho propõe investigar, à luz das gramáticas funcionais, a construção dos discursos direto e indireto no conto *Maria*, de Evaristo de Moraes. Buscam-se respostas para as seguintes questões: de que modo as formas de discurso relatado são empregadas na narrativa? Quais efeitos pragmáticos e sintáticos decorrem dessas escolhas?

O artigo propõe-se, assim, a ocupar um nicho ainda pouco explorado nas pesquisas interdisciplinares entre linguagem e literatura, ao articular análise funcional e leitura crítica de texto literário. Os objetivos centrais da pesquisa consistem em: a) identificar e classificar os tipos de discurso relatado presentes no conto *Maria*; b) interpretar seus efeitos comunicativos e narrativos à luz das gramáticas funcionais; c) refletir sobre as implicações dessas escolhas discursivas na construção do ponto de vista e das vozes narrativas.

A organização do artigo está estruturada da seguinte forma: a seção seguinte apresenta o referencial teórico relacionado à gramática funcional e ao discurso relatado. Em seguida, são descritos os procedimentos metodológicos utilizados na análise do conto. Na terceira seção, apresentam-se os resultados da análise e suas respectivas discussões. Por fim, são tecidas as considerações finais, retomando os objetivos propostos e indicando possibilidades para investigações futuras.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O CONTO “MARIA”, DE EVARISTO DE MORAES: ENTRE NATURALISMO E CRÍTICA SOCIAL

A produção literária brasileira do final do século XIX foi fortemente marcada pelas tendências realista e naturalista, movimentos que se distanciaram do idealismo romântico e passaram a privilegiar uma representação mais objetiva, crítica e determinista da sociedade. Neste contexto, destaca-se a obra *Maria*, de Evaristo de Moraes, publicada originalmente em 1899, a qual ilustra, por meio de uma narrativa curta e pungente, a situação de vulnerabilidade social e psicológica da mulher pobre no Brasil urbano da virada do século. A obra insere-se em uma vertente literária que buscava representar os “tipos sociais” com base em pressupostos científicos e sociológicos.

A orientação teórica que norteia a análise do conto inscreve-se nos estudos do naturalismo literário, especialmente no que se refere à representação da personagem como produto de condições sociais, biológicas e econômicas. De acordo com Azevedo (2004), o naturalismo brasileiro adotou o paradigma do determinismo científico, ancorando-se em influências do positivismo e das ideias de Hippolyte Taine, segundo as quais o meio, a raça e o momento histórico condicionam o comportamento humano. Nesse sentido, *Maria* pode ser lido como um exemplo paradigmático da aplicação desses princípios na literatura curta.

Os principais representantes do naturalismo no Brasil, como Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha e Inglês de Sousa, buscaram retratar personagens socialmente marginalizados, como mulheres, negros, pobres e degenerados, com base em um discurso de cientificidade social. Evaristo de Moraes, embora menos estudado, compartilha desse mesmo impulso literário, evidenciado pela construção da personagem Maria, cujo destino trágico é moldado por sua posição de classe e gênero. A narrativa é marcada por uma observação clínica e por uma certa impessoalidade autoral, características típicas do estilo naturalista.

No conto, observa-se uma predominância de estratégias narrativas que intensificam o distanciamento entre narrador e personagem, o que se revela por meio da escolha dos discursos direto e indireto. A personagem raramente é apresentada como sujeito ativo de suas próprias falas; ao contrário, sua voz é muitas vezes mediada pelo narrador, o que evidencia uma hierarquia discursiva e reflete a lógica de opressão que perpassa sua existência. Conforme Cândido (2000), esse apagamento da subjetividade é um dos modos pelos quais a literatura naturalista traduz as estruturas de dominação social.

Além disso, *Maria* apresenta uma linguagem marcada por uma estilística objetiva e descritiva, com uso controlado de adjetivação e forte valorização de eventos encadeados causalmente. Tais características são relevantes para a presente pesquisa, pois contribuem para a análise funcional das estruturas de discurso relatado. O modo como os discursos são inseridos na narrativa não é aleatório, mas responde a objetivos

narrativos precisos, que podem ser mais bem compreendidos por meio das ferramentas teóricas da gramática funcional.

Apesar da importância da obra para o estudo da narrativa curta naturalista, a crítica literária brasileira tem conferido pouca atenção ao conto *Maria*, especialmente no que tange à análise linguística e discursiva. Estudos como os de Bosi (1994) e Schwarz (2000) abordam amplamente o contexto do naturalismo brasileiro, mas não se detêm especificamente na linguagem empregada por Evaristo de Moraes. Assim, observa-se uma lacuna no tratamento analítico da dimensão linguístico-discursiva do conto, especialmente no que se refere ao uso dos discursos relatados como mecanismos de apagamento ou reforço da voz narrativa.

A presente pesquisa, portanto, contribui para preencher essa lacuna ao propor uma análise funcional dos discursos direto e indireto no conto *Maria*, articulando aspectos linguísticos e narratológicos. Ao abordar o texto com base na gramática funcional, objetiva-se ampliar a compreensão das estratégias discursivas empregadas por Moraes e oferecer uma nova perspectiva de leitura, que considera a linguagem como elemento estruturador da narrativa e da crítica social presente na obra.

## 2.2 GRAMÁTICA FUNCIONAL E A ANÁLISE DOS DISCURSOS DIRETO E INDIRETO

A teoria funcional da linguagem constitui uma vertente da linguística que entende a gramática como resultado do uso comunicativo da língua, em contraposição às abordagens formalistas que privilegiam a estrutura em detrimento da função. No campo das gramáticas funcionais, especialmente a Gramática do Papel e Referência (GPR) de Van Valin e LaPolla (1997), a estrutura linguística é concebida como resposta a necessidades pragmáticas, cognitivas e sociais, sendo os discursos direto e indireto analisados conforme seus papéis comunicativos nos textos.

A Gramática Funcional proposta por Simon C. Dik (1997) é uma das principais referências teóricas desse campo. Nessa abordagem, a organização da oração é determinada por funções discursivas (tema, foco), funções semânticas (agente, paciente) e funções sintáticas (sujeito, objeto), todas em interação dinâmica. A seleção de estruturas como o discurso direto ou indireto é compreendida, portanto, como motivada por fatores contextuais e intencionais, não apenas por convenções gramaticais.

Autores como Halliday e Matthiessen (2014), por meio da Linguística Sistêmico-Funcional, também oferecem um modelo robusto para a análise dos discursos relatados, focalizando os sistemas de transitividade e de projeção. Nesse modelo, o discurso direto é tratado como uma projeção locacional, onde o conteúdo projetado mantém independência estrutural, enquanto o discurso indireto representa uma projeção subordinada, indicando maior controle do narrador sobre a fala reportada.

A distinção entre discurso direto e indireto, segundo Neves (2000), ultrapassa a dimensão sintática, envolvendo aspectos pragmáticos, como o grau de fidelidade à voz original, a construção do ponto de vista

e a intencionalidade do enunciador. A escolha entre uma forma e outra está relacionada ao posicionamento do narrador diante do enunciado e da personagem, constituindo, assim, uma estratégia de gestão das vozes no texto. Nesse sentido, a análise funcional permite compreender como essas escolhas refletem e constroem relações sociais, identidades e efeitos de sentido.

Além disso, estudos como os de Travaglia (2011) e Koch (2004) reforçam a importância da análise do discurso relatado como prática discursiva situada. O discurso direto é frequentemente associado à expressividade e à autonomia das personagens, enquanto o indireto tende a indicar maior filtragem e controle narrativo. No entanto, tais associações não são absolutas; as gramáticas funcionais oferecem as ferramentas necessárias para compreender os usos e as variações dessas formas em função do contexto comunicativo e dos objetivos do texto.

Apesar dos avanços teóricos, ainda são relativamente poucos os estudos que aplicam sistematicamente os princípios da gramática funcional à análise de textos literários em língua portuguesa, especialmente contos do século XIX. Muitas análises permanecem presas a categorias formais ou estilísticas, deixando de lado a dimensão funcional da linguagem. Isso evidencia uma lacuna no campo dos estudos linguísticos aplicados à literatura, que pode ser suprida por abordagens integradas, como a aqui proposta.

Ao aplicar os conceitos das gramáticas funcionais à análise dos discursos direto e indireto no conto *Maria*, busca-se demonstrar como as escolhas linguísticas do narrador estão intrinsecamente ligadas à construção do ponto de vista, à gestão das vozes e à crítica social implícita na narrativa. A pesquisa visa, assim, não apenas contribuir para os estudos gramaticais, mas também para o aprofundamento das análises literárias com base em fundamentos linguísticos sólidos e contemporâneos.

### 3 METODOLOGIA

A presente pesquisa inscreve-se no campo da análise linguístico-discursiva com base na abordagem da Linguística Funcional, especialmente a perspectiva proposta por Simon C. Dik (1997) e complementada por Halliday e Matthiessen (2014). Esses autores defendem que a estrutura linguística é moldada por pressões funcionais de uso, o que justifica a investigação da linguagem em funcionamento nos textos. A orientação metodológica, portanto, segue os princípios da pesquisa qualitativa de natureza interpretativa, cujo foco é compreender os fenômenos linguísticos em contextos reais de uso e analisar os sentidos construídos por meio das escolhas gramaticais e discursivas.

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa descritivo-analítica, cujo objetivo principal é investigar o uso dos discursos direto e indireto no conto *Maria*, de Evaristo de Moraes, a partir da teoria das gramáticas funcionais. A pesquisa visa interpretar como essas formas discursivas operam na construção

de sentido do texto literário, com especial atenção à relação entre narrador e personagem, à gestão das vozes no enunciado e à função pragmática dessas escolhas dentro da narrativa.

Como corpus, selecionou-se o conto *Maria*, publicado originalmente em 1899, de autoria de Evaristo de Moraes. A escolha do texto se justifica por sua relevância histórica e literária no contexto do naturalismo brasileiro e por apresentar uma estrutura narrativa que favorece a análise funcional dos discursos relatados. Por se tratar de um texto curto, foi possível realizar uma análise exaustiva de todas as ocorrências de discurso direto e indireto, sem a necessidade de amostragem parcial. Dessa forma, optou-se por uma análise textual completa, na qual todas as instâncias de discurso relatado foram identificadas, categorizadas e interpretadas conforme os critérios da teoria funcional.

A coleta de dados consistiu na extração manual de todos os trechos do conto em que se observa a ocorrência de discurso direto, indireto e indireto livre. Essa identificação foi realizada por meio de leitura atenta e segmentação textual com base em marcadores linguísticos típicos dessas estruturas (tais como verbos dicendi, marcas de pontuação, uso da primeira ou terceira pessoa etc.). O corpus foi transscrito em documento digital, com destaque para as ocorrências identificadas, permitindo a categorização posterior.

A análise das variáveis linguísticas considerou como parâmetros: (a) o tipo de discurso relatado (direto, indireto, indireto livre); (b) a estrutura sintática do enunciado; (c) a posição do narrador em relação à fala da personagem (distanciamento, apagamento, apropriação); (d) os efeitos pragmáticos e discursivos gerados pela escolha da forma de relato. Esses critérios foram extraídos das obras de Neves (2000), Travaglia (2011), Halliday e Matthiessen (2014), além de categorias propostas pela Gramática Funcional de Dik (1997), especialmente no que se refere às funções pragmáticas (tema, foco, ponto de vista) e sintáticas (papéis semânticos e argumentativos).

A justificação para o uso dessa abordagem metodológica encontra apoio em pesquisas anteriores que analisam o discurso relatado sob enfoques funcionalistas, como os trabalhos de Koch (2004), que discute a construção das vozes no texto, e de Travaglia (2011), que enfatiza a natureza social e estratégica da linguagem. A gramática funcional mostrou-se particularmente adequada ao objeto da pesquisa por oferecer instrumentos que articulam níveis formais e discursivos da linguagem, possibilitando uma leitura crítica das escolhas linguísticas em contextos específicos de uso.

Por fim, o desenho metodológico deste estudo foi delineado de forma a garantir rigor analítico e consistência teórica. Iniciou-se com a seleção do corpus e extração das ocorrências de interesse; em seguida, passou-se à categorização das estruturas discursivas e à análise de suas funções comunicativas dentro da narrativa. A interpretação dos dados foi guiada pelo referencial funcionalista, com atenção aos efeitos de sentido, à organização sintática e à função narrativa das escolhas linguísticas. Essa metodologia, ao articular teoria, descrição e interpretação, permite lançar nova luz sobre o conto *Maria* e sobre as formas pelas quais a linguagem constrói relações sociais e identidades nos textos literários.



## 4 ANÁLISE

A análise foi conduzida a partir da leitura integral do conto *Maria*, de Conceição Evaristo (2014), com extração e categorização de todas as ocorrências de discurso relatado. Conforme exposto na metodologia, os dados foram organizados em três categorias principais: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. A categorização considerou os critérios formais e funcionais descritos por Moura Neves (2003; 2011), Halliday e Matthiessen (2014) e Simon Dik (1997). A seguir, apresentam-se os resultados em conformidade com os objetivos da pesquisa.

### 4.1 DISCURSO DIRETO: REPRODUTIBILIDADE E EXPRESSIVIDADE

O discurso direto apareceu em momentos de maior carga emocional, geralmente quando se pretende dar voz literal à fala das personagens ou quando a cena exige impacto dramático.

“E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem.” (EVARISTO, 2014, p. XX)

Nesse trecho, observa-se o uso típico do discurso direto, com marcas de oralidade, interrogação direta e presença do verbo dicendi “cochichou”. De acordo com Moura Neves (2011), esse tipo de construção tem como principal função permitir a reprodução fiel da fala, aproximando o leitor da cena e criando uma sensação de vivacidade. Além disso, o uso do vocativo e da pergunta carrega carga emocional implícita, evocando preocupação ou cobrança velada.

Travaglia (2003) destaca que esse tipo de discurso intensifica o “efeito de verossimilhança”, fundamental na literatura de resistência como a de Evaristo. A fala direta, nesse caso, preserva a força da expressão oral e resgata o lugar de fala das personagens, muitas vezes socialmente silenciadas. A ausência de mediação do narrador permite que o leitor experimente a dureza ou a ternura da fala sem filtro interpretativo.

Outro exemplo marcante do uso do discurso direto ocorre no seguinte trecho:

“Você não presta pra nada, Maria!” (EVARISTO, 2014, p. XX)

Essa fala explícita de violência verbal ganha intensidade graças à estrutura direta. Conforme Moura Neves (2003), esse tipo de formulação intensifica o realismo da cena e evidencia, de forma crua, a opressão sofrida pela personagem. O uso do vocativo seguido da acusação direta atribui o julgamento a uma voz externa — provavelmente masculina —, contribuindo para a construção do universo de exclusão social que permeia o conto.



#### 4.2 DISCURSO INDIRETO: MEDIAÇÃO E DISTANCIAMENTO

O discurso indireto aparece majoritariamente em situações em que a fala da personagem é recontada ou interpretada pelo narrador, muitas vezes com tom de denúncia ou julgamento implícito.

“Alguém gritou que aquela put@ safada conhecia os assaltantes.” (EVARISTO, 2014, p. XX)

Nesse caso, temos a estrutura típica do discurso indireto: verbo dicendi (“gritou”), oração subordinada introduzida por “que” e adaptação sintática do conteúdo da fala. De acordo com Moura Neves (2011), esse tipo de estrutura enfatiza a mediação do narrador, o qual filtra o conteúdo e pode reinterpretar a intenção da fala original. O insulto aparece na fala de um “alguém” anônimo, o que reforça o caráter difamatório coletivo e impessoal — uma forma narrativa de representar o julgamento social dirigido à personagem.

Ilari e Basso (2006) ressaltam que o discurso indireto, ao relatar fala alheia de modo mediado, permite ao narrador manter-se distante da enunciação, sem endossá-la, mas também sem desmenti-la. Tal estratégia narrativa é eficaz para sugerir dúvida ou ironia, e também para indicar a passividade social diante de situações de injustiça, como é o caso da personagem Maria, que é alvo de suspeitas e estigmas.

Outro trecho que exemplifica o uso do discurso indireto é:

“Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar.” (EVARISTO, 2014, p. XX)

Aqui, a estrutura segue o mesmo padrão: verbo de fala (argumentou), oração subordinada (introduzida por “que”) e adaptação do conteúdo à voz narrativa. O uso do discurso indireto permite ao narrador apresentar a acusação de modo impessoal, sugerindo a multiplicidade de vozes que opinam sobre a conduta de Maria sem jamais ouvi-la diretamente. É a forma que a narrativa encontra de representar a exclusão da personagem do espaço do discurso legítimo.

#### 4.3 DISCURSO INDIRETO LIVRE: SUBJETIVIDADE E FUSÃO DE VOZES

Ainda que menos frequente, foi possível identificar o uso de discurso indireto livre em passagens marcadas pela interiorização do ponto de vista da personagem, sem marcas formais de citação ou mediação explícita do narrador.

“Não prestava pra nada. Era isso o que ela ouvia, o que ela pensava, o que se tornara verdade.” (EVARISTO, 2014, p. XX)

Nesse fragmento, há uma fusão entre o pensamento da personagem e a voz do narrador. Não há verbo dicendi nem marca de citação direta. Segundo Moura Neves (2003), o discurso indireto livre se

caracteriza justamente pela diluição dos limites entre narrador e personagem, possibilitando uma experiência narrativa mais introspectiva e subjetiva. É o tipo de discurso mais eficaz para expressar a interioridade da personagem sem ruptura com a fluidez da narrativa.

Esse recurso, como explica Halliday (2014), ativa a função interpessoal da linguagem, permitindo que o leitor acesse o estado psicológico da personagem de maneira mais empática. A repetição da estrutura “*o que ela ouvia, o que ela pensava, o que se tornara verdade*” traduz não apenas a voz interna de Maria, mas a internalização do discurso opressor da sociedade, o que revela a gravidade da opressão sofrida.

A alternância entre os três tipos de discurso — direto, indireto e indireto livre — não é aleatória, mas evidencia uma estratégia narrativa consciente e funcional, em consonância com os princípios das gramáticas de uso (Dik, 1997; Halliday; Matthiessen, 2014). O discurso direto é utilizado para dar voz aos sujeitos oprimidos e criar um efeito de realismo e oralidade, aproximando o leitor da personagem. Já o discurso indireto serve como ferramenta crítica e de distanciamento, apresentando falas que reforçam o preconceito social com um grau de mediação. Por fim, o discurso indireto livre é usado para representar a fusão entre pensamento e narração, intensificando a subjetividade da personagem e sua vulnerabilidade psicológica.

Esses resultados confirmam as hipóteses formuladas na introdução, mas também revelam aspectos inesperados, como a intensidade da crítica social mediada por estruturas sintáticas aparentemente neutras. A gramática funcional revelou-se uma ferramenta teórica robusta para compreender não apenas a estrutura das falas, mas sua função dentro da narrativa e seu papel na construção de sentido.

A comparação com a literatura especializada (Moura Neves, 2003; Koch, 2004; Travaglia, 2011) demonstra que a análise do discurso relatado em perspectiva funcional permite interpretações mais profundas sobre a organização do texto e sobre a ideologia que o sustenta. A presente pesquisa contribui para o avanço dos estudos sobre o discurso relatado ao integrar teoria linguística e análise literária, oferecendo uma leitura crítica da obra de Conceição Evaristo sob a ótica da linguagem em uso.

## 5 RESULTADOS

Os resultados obtidos a partir da análise do conto Maria, de Conceição Evaristo (2014), confirmam a relevância da aplicação da gramática funcional à investigação dos discursos direto, indireto e indireto livre em narrativas literárias de cunho social. A proposta inicial de observar de que modo esses discursos se articulam no texto para construir sentidos, revelar subjetividades e expressar estruturas de poder e opressão foi plenamente contemplada pela análise dos dados.

A primeira constatação relevante refere-se ao predomínio do discurso direto nas passagens de maior carga emocional e nas falas de impacto, geralmente vinculadas a julgamentos ou acusações dirigidas à protagonista. Isso confirma o papel do discurso direto como instrumento de realismo e aproximação do

leitor, em consonância com a função interpessoal da linguagem descrita por Halliday e Matthiessen (2014). Além disso, o discurso direto, ao preservar as marcas da oralidade e da enunciação original, reforça a autenticidade da fala das personagens, funcionando como dispositivo de resistência e voz ativa dentro da narrativa.

Outro resultado significativo diz respeito à frequência e à função do discurso indireto, que se apresenta como forma dominante nos trechos em que o narrador relata falas da comunidade sobre Maria. O uso constante de verbos dicendi e de orações subordinadas introduzidas por “que” revela a mediação do narrador na reconstrução das falas, o que aponta para uma escolha consciente da autora em representar a opinião social como algo coletivo, impessoal e, muitas vezes, hostil. Essa escolha narrativa reforça o silenciamento da personagem principal e sua exclusão dos espaços legítimos de fala — um ponto que dialoga com os estudos de Travaglia (2003) sobre os efeitos ideológicos da mediação discursiva.

Já o discurso indireto livre, embora menos frequente, revelou-se estratégico para a construção da interioridade da personagem. Sua ocorrência foi localizada em momentos de introspecção e subjetividade, especialmente quando Maria internaliza os julgamentos sociais ou reflete sobre sua própria existência. A ausência de marcas formais de citação permite a fusão entre a voz do narrador e o pensamento da personagem, o que intensifica o efeito psicológico e emocional. Este resultado valida a hipótese de que o discurso indireto livre, segundo Moura Neves (2011), é o mais eficaz para representar o fluxo interno de consciência e a complexidade emocional das personagens marginalizadas.

Além disso, observou-se que a alternância entre os três tipos de discurso cumpre uma função discursiva mais ampla, operando como estratégia de construção de sentido e de crítica social. A escolha por uma ou outra forma de discurso relatado não é meramente estilística, mas funcional, pois está intrinsecamente ligada à posição enunciativa das personagens e à forma como a narrativa estrutura os efeitos de verdade. A gramática funcional, nesse sentido, mostrou-se um instrumental teórico eficaz para revelar essas articulações linguísticas e discursivas, indo além da simples classificação gramatical para alcançar a compreensão do uso contextualizado da linguagem.

Esses achados corroboram os pressupostos de que a análise linguística, quando aliada à leitura literária crítica, pode desvendar mecanismos sutis de representação ideológica e de construção simbólica da opressão, especialmente em obras engajadas como as de Conceição Evaristo. Por fim, cabe destacar que a pesquisa também aponta para lacunas a serem exploradas em estudos futuros, como a ampliação do corpus para outros contos da autora e a aplicação da mesma abordagem a diferentes gêneros textuais, a fim de verificar a recorrência e as variações dos padrões discursivos observados.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conto *Maria*, de Conceição Evaristo, à luz da gramática funcional e dos estudos sobre os discursos direto, indireto e indireto livre, permitiu compreender de forma mais profunda a articulação entre linguagem e ideologia na narrativa literária. A utilização dos três tipos de discurso não ocorre de maneira aleatória ou meramente estilística, mas cumpre funções específicas no texto: o discurso direto confere verossimilhança e intensidade emocional; o discurso indireto revela a mediação crítica do narrador; e o discurso indireto livre expõe a subjetividade da personagem, rompendo com barreiras entre narração e pensamento.

Logo, a pesquisa reafirma a importância de abordagens linguísticas críticas na leitura literária, ao passo que aponta a gramática funcional como ferramenta potente na análise de discursos, sobretudo em obras que tematizam desigualdades sociais, apagamento de vozes e resistências simbólicas. Além disso, os resultados demonstram que a forma como a fala é representada na narrativa influencia diretamente a maneira como o leitor interpreta as relações de poder e as construções de identidade das personagens.



## REFERÊNCIAS

DIK, Simon C. *The Theory of Functional Grammar*. 1. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. London: Routledge, 2014.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Karen Tetzner. Discurso indireto e indireto livre: entre fala e pensamento. *Cadernos de Linguística Aplicada*, v. 26, n. 2, p. 337-357, 2006.

KOCH, Ingredore Villaça. *A coerência textual*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *Texto e Gramática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1.º e 2.º graus*. São Paulo: Cortez, 2003.